

CRISTINA SÁNCHEZ-ANDRADE



O LIVRO DE
JULIETA

Two elegant, symmetrical flourishes with swirling lines, positioned below the word 'JULIETA'.

Tradução
RODRIGO PEIXOTO

BR
BR
BR
BR

Copyright © Cristina Sánchez-Andrade, 2010
Publicado mediante acordo com a Pontas Literary & Film Agency

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

As citações de *Romeu e Julieta* foram retiradas de *Obras completas de Shakespeare*,
volume VIII, Edições Melhoramentos, com tradução de Carlos Alberto Nunes.

TÍTULO ORIGINAL El libro de Julieta
PROJETO GRÁFICO Alceu Nunes e Joelmir Gonçalves
CAPA Rodrigo Maroja
PREPARAÇÃO Lígia Azevedo
REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sánchez-Andrade, Cristina

O livro de Julieta / Cristina Sánchez-Andrade ;
tradução Rodrigo Peixoto. — 1ª ed. — São Paulo :
Paralela, 2012.

Título original: El libro de Julieta.
ISBN 978-85-65530-02-6

1. Famílias — Histórias 2. Histórias de vida
3. Memórias autobiográficas 4. Relações familiares
5. Síndrome de Down 1. Título.

12-04911

CDD-860.9287

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias autobiográficas : Literatura espanhola
860.9287

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Onde Átila pisa



Junho de 2009

Sábado. Seis e meia da manhã. Julieta está acordada desde as dez para as seis, zanzando pela casa. A primeira coisa que fez foi se livrar do pijama, ficando completamente nua, depois procurou uma luva na gaveta de luvas — as luvas ocupam um lugar de destaque na vida dela. Da minha cama escuto seus passos no corredor, seguindo em direção à cozinha, e sinto um frio na barriga. Pensar como ficaram os cômodos por onde ela passou paralisa meu corpo e minha mente. (Por que essa menina foi enviada a mim, e não a Elena e Cristina de Bourbon, ou a Catherine Zeta-Jones? Ela tem seis anos! Até quando vamos viver assim? Por que não posso ter uma manhã de sábado tranquila?) O pai, deitado ao meu lado, finge não escutar nada. Após um percurso caótico, com objetos caindo a cada passo e um barulho que só consigo descrever como parecido ao da louça despedaçando-se contra o chão, notei que ela chegara ao quarto que funciona como lavanderia, onde temos a máquina e o cesto de roupa suja. Esse costuma ser seu destino final. Silêncio.

...

E mais silêncio.

O silêncio de uma criança que sabe que está fazendo algo errado.

Era como se eu pudesse vê-la: Julieta esvazia o cesto, lançando roupas para todos os lados, por cima dos ombros, como se fosse um cachorro cavando um buraco na terra. Sempre que encontra um modelo de que gosta, resolve vesti-lo. Na escola me disseram que ela tem facilidade para se vestir. “E como não teria? Ela troca de roupa sete ou oito vezes ao dia!”, respondi. Outras coisas (como fazer xixi, por exemplo) são perda de tempo para ela. Sempre que pode, evita. Mas trocar de roupa... nunca é tarde para isso. E tal perseverança tinha de ser premiada de alguma forma.

Nesse meio-tempo, Inés acordou, piorando a situação, pois agora se tratava de uma farra conjunta. Vão para a cozinha e, julgando pelo ruído, devem ter acabado de abrir a geladeira. “Tem alguma coisa perigosa na geladeira?”, eu me pergunto, incapaz de sair da cama. “O leite. Elas podem derramar o leite. Espero que não façam isso.”

— Me dá, Julieta.

É Inés. O que estará pedindo? O que elas teriam encontrado na geladeira?

— Me dá *linguiça*, Julieta.

— Toma.

Linguiça? Não temos linguiça na geladeira. Temos salame, não linguiça.

— Me dá que vou fazer um *sanuíche*.

O silêncio volta e sou obrigada a me levantar, pois elas, sem dúvida, devem estar esmigalhando o pão de forma. Sigo o rastro deixado pela casa: “Onde Átila pisa, a grama não volta a crescer”. No corredor, jaz o pijama. No meu escritório, há uma bolsa caída no chão. Um pouco mais à frente, cartões de crédito, moedas, tíquetes e vários papeizinhos que guardo no porta-moedas. Ao lado da

mesa, há terra tirada de um vaso. Na sala, ela não descobriu nada interessante (Julieta só costuma se interessar pelo que está no alto), mas, como se estivesse em busca de vingança, bagunçou a poltrona, atirando as almofadas no chão. A mesa da cozinha está cheia de migalhas e pedaços de bolacha: elas tinham subido numa cadeira e saqueado o armário.

Finalmente, encontro as duas. Inés segura o pão de fôrma e Julieta, o salame. Estão fazendo sanduíches e transformaram a mesa num campo de batalha. Julieta não vestiu nada do cesto de roupa suja, como eu imaginara, e sim um maiô ainda molhado do dia anterior (colocando as duas pernas no mesmo buraco). Está com uma toca de banho apertada na cabeça e óculos de natação torcidos no rosto, cobrindo a testa e deixando um dos olhos meio fechado. Numa das mãos, claro, está a luva. Quando me vê, me encara fixamente e sorri:

— *Sanuíche.*

Ninguém em sã consciência aguentaria uma situação assim absurda. Perco a paciência. Por que negar que, nesse momento, eu seria capaz de estrangulá-la?

Hoje vamos cortar o cabelo. Julieta gosta disso e se prepara com todo o cuidado. Corre para calçar os sapatos. Esvazia todo o armário até encontrar as botas de chuva.

— Não está chovendo, Julieta. Pelo amor de Deus.

— Está.

Vinte minutos mais tarde, ela finalmente concorda em tirar as botas e usar sandálias. Quando estamos a ponto de sair, começa a averiguar cuidadosamente as unhas, dizendo que se machucou e precisa de um band-

-aid. “Não temos band-aid”, respondo. Mas ela insiste: quer um band-aid. “Não temos. E se você não tivesse mordido as unhas, não estaria machucada.” “Band-aid”, ela continua exigindo. Passamos outros vinte minutos discutindo se Julieta está ou não machucada. Daniel escuta tudo enquanto se barbeia. Ele pega um pedaço de esparadrapo e enrola ao redor da unha mordida, dizendo: “Pronto!”.

Às vezes, um objeto qualquer faz dela a menina mais feliz do mundo. Hoje, a felicidade está no esparadrapo.

Sáímos para que ela corte o cabelo. Na rua, ela mostra o dedo para as pessoas. “Dodói”, ela diz. A maior parte dos transeuntes reage bem, demonstra interesse pelo problema dela, fica com pena, sorri. Alguns perguntam seu nome. Ela responde que seu nome é Julieta, embora quase ninguém entenda de primeira, o que a deixa um pouco chateada.

Passamos por um mendigo que costuma ficar na mesma esquina da *calle Mayor*, e Julieta para e mostra o machucado, criando uma situação curiosa. O homem, como mendigo, fica em dúvida se poderia ou não sorrir, embora essa seja a única coisa a fazer em tal situação. Finalmente, decide não sorrir, pois um indigente que pede dinheiro nas ruas não pode sorrir, ou acabaria perdendo a credibilidade.

Entro numa papelaria da *calle Mayor* para tirar algumas cópias. As funcionárias conhecem Julieta e escutam sua história.

— O que aconteceu? — perguntam.

— Foi Inés — ela mente.

— Sua irmã Inés? Que malvada!

Julieta faz que sim com uma satisfação terrível.

— E você não vai à escola hoje?

— Não. Vou cortar o cabelo.

(Devo dizer que não costumo interferir nas conversas dela. Deixo que fale, pois nada me dá mais prazer do que escutá-la. No entanto, algumas vezes as pessoas não entendem o que ela diz e sou obrigada a ajudar, como se fosse uma tradutora simultânea.)

— Vai cortar o cabelo? No cabeleireiro?

— Não.

— Mas você não disse que ia ao cabeleireiro?

Quando se cansa do bate-papo ou percebe que não está seguindo o rumo previsto, Julieta corta o mal pela raiz.

Ao sair da papelaria, tira o esparadrapo do dedo e joga no chão. O assunto se esgotou.

Entramos no salão e, enquanto conversamos sobre o corte com a cabeleireira, minha filha dá uma olhada ao redor. Vê uma mãe com um bebê nos braços e o carrinho vazio ao lado. Quando eu me viro, noto que Julieta está sentada no carrinho, com o cinto de segurança apertado, numa espécie de transe. Ela olhava para o infinito, imóvel, imperturbável.

— Desce daí — exijo.

— Não.

A cabeleireira se aproxima, dizendo:

— Desce, Julieta, vamos cortar o cabelo. Isso é coisa de bebê e você já é uma menina crescida.

— Não. Eu sou pequena — ela respondeu.

Não há como convencê-la. Oferecemos uma cesta de bobes e pinças coloridas, uma escova e uma revista. Mas nada lhe interessa tanto quanto ficar sentada naquele carrinho de bebê, olhando para o infinito. Dou uma olhada

ao redor e encontro uma luva de plástico, dessas que se usa para pintar o cabelo.

— Posso pegar essa luva? — pergunto.

As cabeleireiras me olham, achando o pedido estranho, mas fazem que sim. Ao ver a luva, Julieta abre o cinto de segurança e se lança na minha direção como uma louca.

Enquanto cortam seu cabelo, ela se mexe tanto que a cabeleireira acaba perdendo a paciência comigo.

— Por favor, você precisa distrair essa menina! — ela pede, sem meias palavras.

No caminho de volta para casa, aproveito para comprar pão. Vendo que a balconista lhe dá corda, Julieta tira a luva de plástico (pois não consegui que ela a tirasse no cabeleireiro) e mostra-lhe o machucado. Antes de irmos embora, a balconista, que em algum outro momento me dissera ter uma filha de quatro anos, pergunta a idade de Julieta.

— Seis — respondo.

Depois disso, o comentário habitual é “Como ela é alta!”. Mas a mulher fica me encarando, perplexa, pois Julieta não aparenta ter mais do que quatro anos, então ela não pode dizer tal coisa. Sem dúvida para me agradar, a moça diz:

— Mas ela é muito sociável...

(Como se, sendo baixinha, não pudesse ser sociável.)

— Qual é o seu nome? — pergunta-lhe a moça.

— Inés — ela responde.

— Inés?

Julieta faz que sim, satisfeita por ter sido compreendida de primeira.

Perdas



Na rua, conversando com santo Antônio:

— Agora foram os óculos. Os óculos de Julieta.

— Agora? Mas é a quinta ou sexta vez que ela perde os óculos! Essa menina me dá muito trabalho. Há pouco tempo, perdeu a mochila. E justo quando levava um envelope com o dinheiro para a excursão! Não sei... estou cheio de trabalho esta semana...

— Mas é Julieta... Você tem que entender...

— Eu sei, mas você lembra onde estavam os óculos da última vez? Prefiro nem dizer! Foi nojento! Se não fosse por mim, nunca teriam sido encontrados.

— Por isso estou pedindo, santo Antônio. Sei que você nunca me falha. Pelo contrário, se soubesse... Ela não só *perde* os óculos. Ela os arranha, retorce as hastes, perde as peças, os parafusos...

— Tudo bem. Quanto você me dá?

— Não sei. Cinco euros...

— Que mão de vaca! Isso é pouco. Sua filha me dá muito trabalho. Ela perde os óculos pelo menos duas vezes por semana. Aliás, antes que me diga qualquer outra coisa, olhe para si mesma. Você é forte o suficiente para aceitar que Julieta perdeu os óculos *de novo*?

— Não. Não sou. E se esses óculos não aparecerem meu marido vai me matar.

— Diga que mate a menina.

— Não. A menina ele não mata. Ele vai me matar por ter escolhido um modelo tão caro e delicado. São da Hello Kitty, sabe? Que tal seis euros?

— E os aros, são de metal ou de plástico?

— De metal.

— Então são sete euros e cinquenta centavos.

— Sete.

— Negócio fechado. Mas não dê os sete euros a um pobre qualquer, desses que gastam tudo com bebida. Leve a uma igreja e faça uma doação. Acima de tudo, agradeça ao bom Deus.